

**MEIO AMBIENTE DA LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS E SEU REGISTRO GRÁFICO**

Cláudio Alves Benassi (UFMT)

Anderson Simão Duarte (UFMT)

Simone de Jesus Padilha (UFMT)

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo feito por Claudio Alves Benassi, da Universidade Federal de Mato Grosso, sobre a Libras, seu meio linguístico e um sistema de grafia proposto por esse pesquisador. Ressaltamos que essa escrita está sendo chamada, provisoriamente, de Visografia. Esse sistema apresenta apenas 62 caracteres distribuídos em quatro grupos visonéticos que representam alfabeticamente e graficamente os cinco parâmetros das Línguas de Sinais (LS). A elaboração da Visografia justifica-se pelo fato de existirem, no Brasil, três outros sistemas de escrita de língua de sinais e nenhum deles se fixarem no registro gráfico da LS. Os resultados apontam para a viabilidade desse sistema tanto na grafia quanto na leitura da LS.

Palavras-chave: Visografia. Ecolinguística. Libras. Meio ambiente linguístico. ELiS.

Abstract: This article presents the Brazilian Sign Language (Libras), its linguistic environment and a spelling system proposed by Claudio Alves Benassi, of the Federal University of Mato Grosso (UFMT). This writing is being provisionally called Visografia. It consists of only 62 characters divided into four visonetic groups which represent alphabetically and graphically the five parameters of this sign language (LS). The preparation of Visografia is justified by the fact that there are, in Brazil, three other sign language writing systems and none of them settled in the graphic registration of LS. Results show the feasibility of this system both in spelling and in reading of LS.

Keywords: Visografia. Ecolinguistics. Libras. Linguistic environment. ELS.

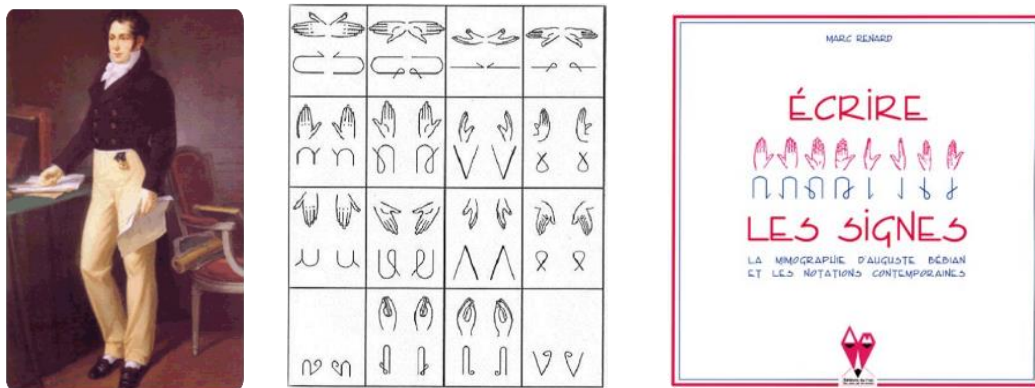
1. Introdução



Continuar escrevendo este trabalho em Libras pela escrita da Visografia excluiria uma parcela considerável dos leitores do meio ambiente linguístico oral, bem como do visossinalizado, pois se trata de um sistema de Escrita de Língua de Sinais (ELS) em processo de desenvolvimento. Como explicita a frase em Libras, escrita pela Visografia, o tema dessa pesquisa é a ELS. A ideia de se grafar as Línguas de sinais (LS) não é recente. Os primeiros estudos em relação a uma possível grafia das LS começaram com o educador francês Roch-Ambroise Auguste Bébien (1739-1839).

Bébien acreditava que uma ELS contribuiria para o desenvolvimento cognitivo do visual¹ (*surdo*). Desenvolveu a *Écrire les signes* ou notação *Mimographie* (BENASSI, 2016, p. 25; STUMPF, 2011). Conforme afirmam Barreto & Barreto (2012) outros sistemas de ELS foram desenvolvidos posteriormente. No atual panorama da ELS brasileira, constam dois sistemas desenvolvidos e em circulação na área da Libras, de acordo com Benassi, Duarte & Padilha (2016).

Figura 01. À esquerda: Bébien; ao centro: grafia das Configurações de Mão (CM) e à direita a capa do livro *Écrire les signes* (Marc Renard).



Fonte: Disponível em <http://www.usm67.fr/sourds-historiques.html>.

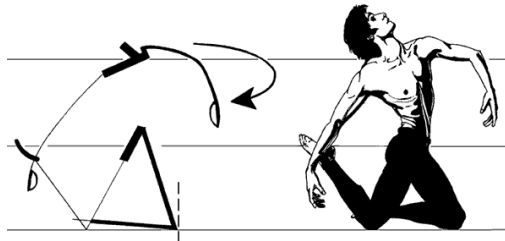
¹ Termo conceitual delineado por Anderson Simão Duarte (UFMT), para designar a pessoa que emite e capta mensagens linguísticas por meio do canal visual, levando em consideração que não se separa o sujeito da língua que o constitui ideologicamente. Assim sendo, o ouvinte é caracterizado pela língua oral/auditiva e o visual pela língua espaço/visual e não pela ausência da audição (DUARTE; BENASSI; PADILHA, 2016).

Esses dois sistemas de ELS, aos quais os autores se referem, são: a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS) e o Sistema de Escrita de Língua de Sinais (SEL). A ELiS é o resultado da pesquisa de mestrado, posteriormente aperfeiçoada e aprofundada no doutoramento de Mariângela Estelita Barros (Universidade Federal de Goiás). Esse sistema de escrita é de base alfabética e linear, contando com um alfabeto chamado de visograma, com um total de 95 caracteres.

Já o SEL foi desenvolvido por Adriana Lessa-de-Oliveira (Universidade Estadual do Oeste de Bahia), no ano de 2009. Após testes e aprimoramentos em 2011, chegou-se a uma versão satisfatória dessa escrita. Esse sistema de ELS leva em consideração os parâmetros CM, Locação (L_{oc}) e Movimentos (M_{ov}), que são denominados *MLMov* e os elementos que os constituem são tidos como *macrossegmentos* (BENASSI, 2014, p. 05-06).

Outro sistema de ELS corrente no Brasil é o *Sign Writing* (SW). Esse sistema foi desenvolvido por volta de 1974, pela norte-americana Valerie Sutton. O sistema por ela decodificado foi baseado no sistema de notação dos movimentos da dança denominado *Dancing Writing* (BARRETO; BARRETO, 2012). O SW é uma escrita vertical da esquerda para a direita, em que todos os parâmetros das LS são “desenhados”, fixando assim a linguagem de sinais articulada.

Figura 04. Notação de um movimento de dança pelo *Dancing Writing*.



Fonte: Disponível em <http://www.movementwriting.org/images/index08.gif>.

O SW é um sistema de escrita complexo e demasiado denso no processo de grafia da LS, por ser realizado verticalmente. Em uma comparação entre o SW e a ELiS, Benassi (2014) defende que a ELiS é mais viável na produção textual acadêmica do visual. O autor usou um texto escrito em Língua Portuguesa como base para a comparação. O texto contava com cinco linhas. Ao ser escrito em SW, preencheu uma lauda. Já em ELiS, o mesmo texto completou apenas seis linhas.

Figura 05. Sinal VER escrito em SW, ELiS e SEL, respectivamente.



Fonte: Benassi; Duarte e Padilha (2016).

Este trabalho tem como objetivo apresentar a Libras, seu universo linguístico e um sistema de grafia sugerido por Claudio Alves Benassi, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Esse sistema de grafia surge como uma proposta de aliar os elementos mais simples do SW aos apresentados pelas ELiS, eliminando, assim, aqueles mais complexos que demandam maior abstração.

A fundamentação teórica vem das leituras de Bakhtin e seu círculo para a compreensão do problema do material, da forma e do conteúdo, ligados a LS nas esferas do cotidiano, acadêmico e artístico. Outras vozes constituintes desta pesquisa é a de Couto (2007) no entendimento de Meio Ambiente linguístico, bem como na ressignificação da linha de força de sistema, que na língua é adaptável e não um sistema fechado como em Saussure.

Buscamos, por meio da seleção dos visografemas (letras), da estrutura de escrita dos sistemas de ELS a serem relidos nesta pesquisa e do referencial teórico adotado, a aplicação em um curso, a fim de verificar a eficiência desse novo sistema de ELS e, ainda, a elaboração de um editor de textos que facilite o processo de grafia.

A visografia foi aplicada, preliminarmente, por meio da escrita de sinais isoladamente e pequenos textos que foram apresentados a profissionais de Libras, que não conhecem ainda os sistemas de ELS, e a estudantes do Curso de Graduação Letras-Libras da UFMT, iniciados em ELiS. Os resultados obtidos são satisfatórios, tanto no processo de grafia quanto no de sua descodificação por meio da leitura.

2. Da Libras e seu meio ambiente linguístico: o registro gráfico pela Visografia

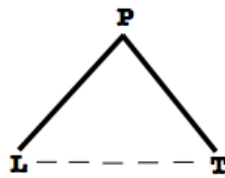
Começamos do conceito ecológico mais abrangente, o de **ecossistema**, que é o todo formado por uma população de organismos e suas interações com o

E C O - R E B E L

meio e entre si. É em seu interior que se desenrola todo o drama que constitui a base de minha argumentação (COUTO, 2013)

Para Couto (2007, p. 122), o ecossistema de uma determinada língua é formado por três elementos básicos. São eles: o território (T), a população (P) e a língua (L). Segundo o autor, uma língua só existe e subsiste se houver uma população ou povo que vive e convive em um determinado território. Sendo assim, o autor estabelece a triangulação básica que aparece na figura 06, reproduzida abaixo a partir do modelo dado por ele.

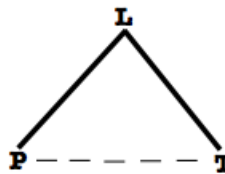
Figura 06. Triangulação proposta por Couto.



Fonte: Couto (2007, p. 123).

Consideramos que o modelo não está em consonância com a proposição do autor. Ora, se temos uma língua que só existe e subsiste graças ao uso que uma determinada população faz dela, estando essa vivendo e convivendo em um território, a língua simplesmente não pode estar/ser a base dessa triangulação, mas o topo dela, sendo, então, sustentada pelo uso que a população faz da língua, inserida em seu território. Logo, a nossa proposição é uma inversão da “pirâmide” de Couto (2007), tirando a língua de suas bases e elevando-a ao topo, conforme consta na figura 07 mostrada abaixo.

Figura 07. Triangulação inversa à proposta de Couto.



Fonte: acervo particular dos autores.

Relacionar os pressupostos da Ecolinguística, presentes em Couto (2007), não é uma tarefa fácil. Consideramos que alguns desses pressupostos são muito difíceis de ser delimitados. Quando pensamos a relação proposta na triangulação língua, população e território, temos facilidade em delimitar a L que é a Libras, reconhecida legalmente como língua. Quanto à população, podemos admiti-la como sendo os visuais, profissionais e demais falantes da Libras. Já em relação à delimitação do território, que, juntamente com essa população, daria sustentação a Libras, temos uma certa dificuldade, uma vez que não há fronteiras entre o território da Língua Portuguesa e o da Libras.

Isso se explica porque o visual está imerso e pulverizado naquilo que Miranda & Andrade (2016, p. 34) chamam de “uma comunidade maior, cuja língua majoritária é a língua oral”. Na concepção desses autores, “é possível perceber que há a falta de um território”. Há de se levar em consideração que, se o território da língua oral é ocupado pela população falante da Libras, ainda que seja majoritariamente constituído pela língua e população ouvinte, ele da mesma forma se constitui por falantes minoritários da Libras. Sendo assim, esse território pode ser considerado também o território da Libras. Em outras palavras, este é um território bilíngue.

Nesse sentido, considerando que esse território bilíngue é também o território da Libras, encerramos a discussão, tendo em vista que os demais elementos do Ecosistema Fundamental da Língua (EFL), Meio Ambiente (MA) social, MA mental e MA natural existem na LS. Na finalização deste tópico, lembramos ainda que a Libras, esse ecossistema linguístico imagético, não é ágrafa, como já vimos na introdução desse trabalho. Vale dizer que no curso de Letras-libras – Licenciatura da UFMT foi ministrada a ELiS na disciplina de Escrita de Sinais e que, dos sistemas ELS aqui descritos. O professor e pesquisador Cláudio Alves Benassi é escritor/leitor do SW e da ELiS.

Benassi, Duarte & Padilha comentam que dos discentes visuais que cursaram a disciplina apenas um continuou os estudos de ELiS, e que o curso de extensão ofertado foi cancelado, tendo a baixa procura como principal motivo. Segundo os autores, para “o público alvo, a ELiS é um sistema muito abstrato” (BENASSI, DUARTE, PADILJA, 2016, p. 35). Eles questionam o motivo da recusa desse sistema de escrita, considerando que ele, tal qual o SW, tem seus aspectos simples e visuais, além dos complexos e abstratos. Os autores finalizam pontuando que os dois sistemas não se fixam na área da Libras e ainda questionam se os aspectos simples e visuais de ambos poderiam ser relidos em novo sistema de ELS.

Cláudio Benassi, músico de formação, hábil leitor de partituras, escritor e leitor fluente da ELiS, considera o sistema ELiS suficiente. No entanto, como educador e pesquisador, constituído por múltiplas vozes, portanto, um ser plurívoco (BAKHTIN, 2014), não se posiciona com indiferença

em relação à dificuldade dos alunos visuais em apreender os sistemas de ELS correntes. Essas vozes ecoaram e inquietaram, fazendo com que se dedicasse à arquitetura de um novo sistema de ELS. Nesse percurso, além da colaboração direta dos acadêmicos que fazem parte do Círculo de Estudos de Escrita Visogramada (CEEVis), contou com a participação direta de Simone de Jesus Padilha, na orientação, de Anderson Simão Duarte, na seleção de caracteres, e de Sebastiana Almeida Souza, na colaboração e aplicação da Visografia.

3. As bases eivadas da Visografia

Apesar de existirem muitos sistemas de ELS, a alfabetização de visuais, em LS, ainda não é uma realidade. Alguns fatores concorrem para isso, tais como a pouca experiência ou desconhecimento do professor de Libras a respeito da ELS, a inexistência de políticas voltadas para a formação de professores de ELS e de alfabetização de visossinalizantes (sinalizadores) em LS. Dentre os problemas apontados, o mais sério é a não aceitação pela comunidade visual (*surda*) dos sistemas de ELS correntes. Dessa não aceitação decorre o problema desta pesquisa, que propõe a releitura do SW, que, somente de CM – levando em consideração o inventário de CM de Benassi e Padilha, as três OP e os dois planos nos quais são escritos –, tem 684 caracteres, e da ELiS, que tem 95 visografemas, em um novo sistema de ELS.

A Visografia nasce com apenas 64 caracteres. Uma grande vantagem sobre os dois sistemas que lhe serviram de base. Os visografemas da Visografia estão divididos em quatro grupos visonéticos, que correspondem aos cinco visemas (parâmetros) das LS, elementos que compõem a visonologia² das LS. Dentro da visonologia, existem cinco categorias de visemas: a CM; a Orientação de Palma (OP); a Locação (L_{oc}); Movimento (M_{ov}) e a Expressão Não Manual (ENM) (QUADROS; KARNOPP, 2004). A CM é a forma que a mão adquire na seleção de dedos durante a articulação de um sinal. Ela está dividida em Configuração de Dedo (CD) do polegar e CD dos demais dedos.

A OP é a direção que a palma da mão apresenta na articulação de um sinal. A L_{oc} são os possíveis locais no corpo ou no espaço em que a mão é posicionada para a articulação de um sinal. Os M_{ov} são um conjunto complexo de movimentos internos ou externos à mão ou externos, que acompanham a articulação de um sinal. Por último, as ENM são um conjunto de movimentos faciais e corporais que podem ou não acompanhar um sinal para lhe dar entonação e sentido.

²Termo cunhado com bases nos conceitos visograma, visografema e visema, para designar o estudo dos sistemas de visemas de uma determinada LS ou das LS em geral. Ou então, estudo dos visemas, do ponto de vista de sua função na língua, quer seja por pares opositivos, variantes posicionais, quer por outros.

Quanto aos visemas M_{ov} e ENM, concordamos com o entendimento de Barros (2015) de que fazem parte de um mesmo grupo de visema, o dos M_{ov} . Barros classifica-os como sendo M_{ov} que não são realizados com as mãos. Em nossa concepção, vamos além, classificamos esses M_{ov} faciais e corporais como M_{ov} Faciais-corporais Intensificadores, portanto, gramaticais e os M_{ov} Entoativos-Valorativos, que são usados para exprimir a valoração do indivíduo sobre a língua.

A estrutura da escrita na Visografia preserva o princípio da linearidade da ELiS, levando em consideração o hábito de leitura linear da esquerda para a direita da Língua Portuguesa, sendo acessível a ouvintes e a visuais. Quanto ao modo de escrita dos visemas, os dedos são grafados um após o outro como na ELiS, por meio do uso das CD apropriadas à CM que se quer grafar.

As CD são grafadas diretamente e na OP que devem obedecer ao posicionamento do Eixo da Palma da Mão (EPM) ou da Orientação da Ponta do Dedo (OPD). As EPM ou OPD para frente e para trás, quando necessário, deverão ser grafadas por meio de diacríticos próprios. As CM, com os dedos fechados pelas pontas, devem ser grafadas com o diacrítico ‘.’ em cima do visografema. Já as CM, com os dedos, juntos deverão ser grafadas com o diacrítico ‘-’ atravessando todos os visografemas que representarem a junção de dedos.

Na escrita das OP, o visografema móvel movimenta-se para representar as OP Medial, Distal, Para Cima e Para Baixo, sendo que a parte branca representa a palma da mão e a parte preta representa o dorso. Quanto à escrita das L_{oc} , devem ser observados os seguintes princípios: 1) as L_{oc} da cabeça deverão ser escritas por meio dos diacríticos próprios; 2) sinais localizados no tórax e abdômen devem ser grafados abaixo da linha que representa o tórax. Deve-se imaginar, na parte frontal, um quadrado e o sinal deverá ser grafado na altura em que ele se articula; 3) em todos os sinais posicionados no tórax e no abdômen, deverá ser grafado o diacrítico de toque quando necessário; 4) em sinais articulados no braço e ao longo dele, deverão ser grafados o diacrítico no visografema, que representa o braço, e o diacrítico de toque na altura em que a mão toca o braço; 5) em sinais articulados no espaço neutro, não se escreve a L_{oc} ; 6) em sinais em que a mão não toca o local, não deverão ser escritos diacríticos de toque, apenas a mão posicionada próximo ao local.

Já na escrita dos M_{ov} , deverão ser utilizados diacríticos próprios para M_{ov} iguais repetitivos e para M_{ov} iguais alternados. Todos os visografemas poderão ser usados para representar os M_{ov} dos sinais.

Figura 08. Quadro de visografemas da Visografia.

VISOGRAFEMAS (LETRAS) DA VISOGRAFIA					
64 CARACTERES					
CONFIGURAÇÃO DE DEDOS					10 VISOGRAFEMAS
Polegar					06 visografemas
Fechado	Na palma	Curvo	“3D”	Horizontal	Vertical
.	/	<	\	—	
Demais dedos					04 visografemas (sendo um repetido)
Fechado	Muito curvo	Curvo	Inclinado	Estendido	
.	⌋	⌋	\		
Diacríticos					
De fechamento dos dedos pelas pontas Usado em cima do visografema			.	⌋	
De junção dos dedos Usado cortando o visografema			—	‡	
De orientação de ponta de dedo ou eixo da palma da mão			☐	Para frente	
De orientação de ponta de dedo ou eixo da palma da mão			☐	Para trás	
ORIENTAÇÃO DE PALMA					3 VISOGRAFEMAS (sendo um móvel)
Para frente	Para trás	Para medial	Para distal	Para cima	Para baixo
☐	☐	☐☐	☐☐	☐	☐
LOCAÇÃO (Ponto de contato)					7 VISOGRAFEMAS
Da cabeça					03 visografemas
Cabeça		Alto da cabeça		Embaixo do queixo	
○		☐		☐	
Diacríticos de locação (Cabeça)					
Testa	Lateral da cabeça	Orelha	Sobrancelha	Olho	Maçã do rosto
—	☐	☐	☐	☐	☐
Bochecha	Nariz	Buço	Boca	Dente	Queixo
☐	☐	☐	☐	☐	☐
Do tronco					02 visografemas
Pescoço			Tórax		
π			—		
Dos membros					02 visografemas
Braço			Perna		
L			π		
Diacríticos					
Ombro	—		Axila	/	

Fonte: Acervo particular dos autores.

Figura 09. Quadro de visografemas da Visografia.

Da mão				02 visografemas	
Palma			Dorso		
□			☒		
Diacríticos de contato					
Toucher	*	Pegar	+	Intervalo dos dedos	v
MOVIMENTO				42 VISOGRAFEMAS	
De braço				18 visografemas	
Para frente	Para trás	Para frente e para trás	Para cima	Para baixo	Para cima e para baixo
⊥	⊤	⊕	↑	↓	↕
Para a direita	Para a esquerda	Para a direita e para a esquerda	Para cima e a direita	Para cima e a esquerda	Para baixo e a direita
→	←	↔	↗	↖	↘
Para baixo e a esquerda	semicircular	Flexão e/ou extensão de braço	Circular frontal	Circular horizontal	Circular frontal
↙	⤿	⤴	⊙	⊖	⊗
Movimentos de dedos e punho				12 visografemas	
Abrir a mão	Fechar a mão	Abrir e fechar a mão	Flexionar os dedos na 1ª articulação	Flexionar os dedos na 2ª articulação	Unir e/ou separar os dedos
⊥	⊤	⊕	⊏	⊐	⊖
Tamborilar os dedos	Friccionar os dedos	Dobrar o punho	Mover o punho lateralmente	Girar o punho	Girar o antebraço
⤴	⤵	⤶	⤷	⤸	⤹
Movimentos faciais e corporais				12 visografemas	
Negação com a cabeça	Afirmação com a cabeça	Língua na bochecha	Língua para fora	Corrente de ar	Vibração dos lábios
⤴	⤵	⤶	⤷	⤸	⤹
Movimento lateral do queixo	Murchar as bochechas	Inflar as bochechas	Abrir a boca	Piscar os olhos	Girar o tronco
↔	⌘	⊖	⊗	+	⊖
Diacríticos					
:	Movimento repetitivo igual	:	Movimento repetitivo alternado		

Fonte: Acervo particular dos autores.

Por grafar as LS dividindo os sinais em partículas menores, consideramos a Visografia uma ELS de base alfabética. Na grafia de alguns tipos de sinais, pela proximidade das mãos a L_{oc} não precisa ser grafada. Assim, na escrita de alguns tipos de sinais, a L_{oc} ficará implícita na grafia.

Temos, então, o visografema da Visografia com os visografemas assim distribuídos: 1_a) CD – Polegar; 1_b) CD – Demais dedos; 2) OP; 3) L_{oc}; 4) M_{ov}.

Figura nº 10. Quadro com o visograma da Visografia.


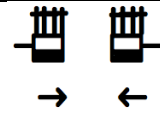
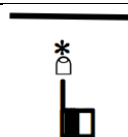
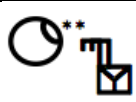
1 _a)	.	/	<	\	-	
1 _b)	.	└	└	\		
2)	☒	☐	▣	(Móvel)		
3)	○	◐	◑	π	—	L π □ ☒
4)	⊥	T	≠	↑	↓	↕
	→	←	↔	↗	↖	
	↘	↙	∩	∪	○	⊙
	⊥	π	≠	└	π	∨
	∩	∪	L	L	L	L
	⊙	⊙	<	≠	≠	⊙
	+	⊙				

Fonte: acervo particular dos autores.

4. Sinais e texto grafados pela Visografia

Abaixo apresentamos alguns sinais e um texto em Libras, grafados pela Visografia, para demonstrar, na prática, o que defendemos teoricamente.

Tabela nº 01. Sinais escritos pela Visografia.

Sinal com fechamento dos dedos pelas pontas articulado na frente do rosto		Domingo
Sinal com junção de dedos articulado no espaço neutro em frente ao tórax		Hoje
Sinal com EPM ou OPD para trás escrito articulado no tórax		Eu
Sinal com L _{oc} na lateral da cabeça		Quinta feira

E C O - R E B E L

Sinal articulado ao lado esquerdo do tórax		Amar muito
Sinal articulado na frente do abdômen		Novo(a)
Sinal com L _{oc} no braço		Aluno

Fonte: Elaboração dos autores.

Tabela nº 02. Sinais escritos pela Visografia. Continuação.

Sinal articulado no espaço neutro a frente do tórax		Nome/Nomear
Sinal articulado na frente da L _{oc}		Laranja/Sábado
Sinal com M _{ov} repetitivos iguais		Fevereiro
Sinal com M _{ov} repetitivos alternados		Trabalhar/Trabalho
Sinal com diacrítico de M _{ov} para completar a ideia do movimento		Feliz/Felicidade/Felicitar
		<p>“Bom sábado, feliz domingo! Que Deus abençoe a nova semana que começa amanhã!”</p>

Fonte: elaboração dos autores.

Como podemos observar no quadro, a grafia da Libras é possível por meio da Visografia. Não somente a fixação da Libras, por meio desse sistema ELS, mas também a descodificação por meio da leitura. Benassi *et al.* (2016), ao analisarem o processo de leitura realizada por duas acadêmicas (uma delas não teve contato com as ELS que inspiraram a Visografia, tampouco tinha conhecimento da própria Visografia), afirmam que a leitura da Visografia realizada pelas acadêmicas com pouco ou nenhum conhecimento das ELS comprovam a eficácia da Visografia na grafia e fixação da Libras, bem como a viabilidade do processo de descodificação na leitura. Assim, os autores concluem:

Poder-se-ia afirmar que o sistema está pronto e pode ser colocado em teste quanto a sua aprendizagem e mediação da cultura escrita em língua de sinais. Esta pesquisa é embrionária e não está pronta e acabada, outrossim, aberta a novas valorações (BENASSI et al, 2016).

5. Considerações finais

Para finalizar este trabalho, retomaremos alguns pontos importantes suscitados nesta discussão. A Língua brasileira de sinais (Libras) pode ser entendida como inserta em um ecossistema linguístico segundo a concepção de Couto (2007), considerando a existência da língua (L), da população (P) e do território (T), que, em nossa concepção, é bilíngue, ou seja, é um território partilhado entre ouvintes e visuais, e um território onde existe não só a Língua Portuguesa, mas a Libras e muitas outras, portanto, esse território é plurilíngue.

Do ecossistema linguístico da Libras, a grafia da Libras é um assunto que suscita debates polêmicos, tendo em vista a falta de informação que circunda esse cenário. Como pesquisadores, dada nossa experiência no ensino de Língua Portuguesa, de Libras e de ELS, não podemos ficar indiferentes diante do desinteresse do visual pela Libras.

Ressaltamos que todos os alunos visuais que se matricularam na disciplina de Escrita de Sinais do curso de Licenciatura em Letras-libras da UFMT até o momento, nenhum deles liam e escreviam a Libras. Mesmo àqueles que afirmavam conhecer o SW e que ele é mais visual que a ELiS, escreviam sinais isolados ou o próprio sinal (sinal nominal), sem levar em consideração a aplicação da ELS na grafia da Libras, notando conhecimentos estritamente em Língua Portuguesa.

O SW é considerado um sistema de ELS denso e pesado, dado o excesso de caracteres, o exacerbado detalhamento da escrita e a regra de simetria no “desenhar” as mãos. Por outro lado,

a ELiS é leve e prática por grafar o estrito e relevante para o registro da informação. No entanto, nem um nem outro sistema se fixa no meio como a ELS da alfabetização do visual.

Por falar em alfabetização do visual, esse processo vem se dando exclusivamente em Língua Portuguesa (quanto ao ensino da escrita e leitura) e em Libras (quanto ao ensino da língua articulada). Afirmamos que é necessário (re)pensar esse processo, pois é necessário ao visual e ao seu desenvolvimento cognitivo o ensino da escrita e da leitura da LS.

Pensando nisso, surge a proposta do desenvolvimento da Visografia. Ao longo deste trabalho, pudemos comprovar que é viável a grafia da Libras por meio da ELS. Benassi et al. (2016) demonstram que é também viável a leitura da Visografia, ao analisarem o processo de leitura realizada por duas acadêmicas da área da Libras, sendo que delas apenas uma tinha uma breve iniciação a ELiS.

Outros estudos a respeito da viabilidade da Visografia descortinar-se-ão nos próximos meses. Um curso de extensão, já aprovado pela área da Educação da UFMT, será implantado para a produção de dados a respeito do ensino-aprendizagem da Visografia. Um estudo visonológico envolvendo a Libras e outras cinco LS está previsto para a concretização de um inventário de CM, com o objetivo de padronização da escrita das mesmas e da comprovação da viabilidade da escrita de outras LS pela Visografia.

Por fim, este trabalho não está pronto e acabado. Pelo contrário, está aberto a (re)leituras e aprofundamentos. Não queremos, com ele, ditar ou impor um sistema de ELS, tampouco vislumbramos, em nosso horizonte acadêmico, uma solução para o problema da temática aqui discutida. Apenas queremos oportunizar o debate na oferta de um sistema de ELS que seja simples, visual e de fácil apreensão.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. O plurilinguismo no romance. In.: BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética. *A teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 2014, 7ª. ed.
- BARRETO, Madson; BARRETO, Raquel. *Escrita de Sinais sem mistérios*. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2012.
- BARROS, Mariângela E. *ELiS*. Sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais. Porto Alegre: Penso, 2015.
- BENASSI, Claudio Alves. Além dos sentidos: a Escrita das Línguas de Sinais como uma proposta de produção acadêmica do surdo. In.: Educação e seus jeitos de ler-escrever em meio a vida. *Anais do Semiedu*. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso. 2014. Disponível em

<http://sistemas.ufmt.br/ufmt.evento/Site.aspx?conteudoUID=182&eventoUID=59>, 2016
(acesso: 20/08/2016).

_____. Formação de docentes de Escrita das Línguas de Sinais (ELiS). *Falange Miúda*. v. 1, n. 1, 2016. Disponível em <http://www.falangemiuda.com.br/edicaoatual/,2016> (acesso: 20/08/2016).

_____; DUARTE, Anderson Simão; PADILHA, Simone de Jesus. Proposta de releitura do *SignWriting* e da ELiS. *Falange Miúda*, v. 1, n. 1, 2016. Disponível em <http://www.falangemiuda.com.br/edicaoatual/,2016> (acesso: 20/08/2016).

_____.; DUARTE, Anderson S.; SOUZA, Sebastiana A.; PADILHA, Simone de J. *Das escritas de língua de sinais à escrita de língua de sinais*. Primeiros suspiros da Visografia eivados pelo *SignWriting* e pela ELiS. No prelo, 2016.

COUTO, Hildo H. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. Análise do discurso ecológica. Disponível em:

<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html>, 2013 (acesso: 06/06/2016).

LEITE, Maurycéia. Formação de docentes de Libras para a educação infantil e séries iniciais: a pedagogia numa perspectiva bilíngue. *Revista Diálogos*, v. 4, n. 1, 2016. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3899> (acesso: 20/08/2016).

MIRANDA, João Paulo V.; ANDRADE, Alliny de Matos F. Um olhar ecolinguístico sobre a semântica da Libras. In.: Caderno de resumos. *III Encontro Brasileiro de Ecolinguística*. Disponível em Disponível em <http://ecolinguistica.net.br/wp-content/uploads/2016/08/III-EBE-2016-Caderno-de-Resumos-Schmaltz-Paulino-Couto.pdf> (acesso: 31/08/2016).

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir B. Língua de sinais brasileira. *Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

STUMPF, Marianne. *Escrita de Língua brasileira de sinais*. Indaial: UNIASSELVI, 2011.

Enviado: 19/12/2016.

Revisado: 06/01/2017.

Aceito: 20/01/2017.